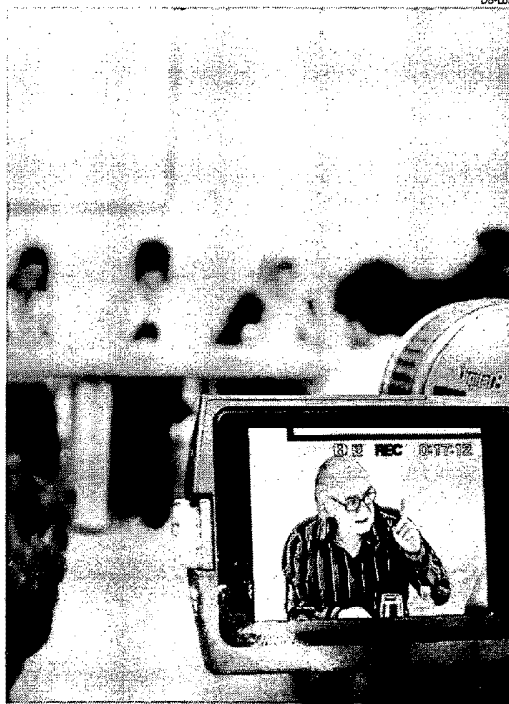


# “Violam-se os direitos humanos para que não sejam violados”



“DESTRÓI-SE a vida para preservar a vida”, diz Boaventura Sousa Santos

Patricia Cruz Almeida

► “A MODERNIDADE ocidental está no mesmo barco que o islamismo, mas tanto uma sociedade como a outra têm um medo abissal do futuro. Facto que só as faz ver as diferenças - e não as semelhanças - que têm entre si”. Para o sociólogo Boaventura Sousa Santos, a sociedade islâmica e a modernidade ocidental “não se podem ver ao espelho e, por isso, só vêem as suas diferenças radicais e não vêem as suas sempre semelhanças”. As constantes violações dos direitos humanos são disso um exemplo.

Na realidade, os direitos do Homem dificilmente poderão tornar-se “na linguagem quotidiana da dignidade humana nas diferentes regiões do globo”.

“Se a humanidade é só uma como é que há tantas noções sobre dignidade? Esta é uma das perguntas fortes do nosso tempo”, realçou Boaventura Sousa Santos ontem, durante uma conferência dedicada ao “Islamismo, Muçulmanos, Globalização” e que decorreu no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES/UC).

Para o sociólogo, continua a existir uma discrepância entre princípios e práticas. Ou seja: “continuamos a aceitar que os direitos humanos não são afectados pelo facto de serem sistematicamente violados”.

A invasão do Iraque é, pa-

ra o professor da faculdade de Economia, a visão mais caricatural da violação dos direitos humanos em nome dos direitos humanos. “Violam-se esses direitos para ocultar a sua violação noutros casos: foi o que aconteceu na prisão de Abu Ghraib para ocultar a invasão do Iraque”.

Boaventura Sousa Santos vai ainda mais longe quando diz que a modernidade ocidental só se afirma ao violar tudo aquilo que invocou para justificar a sua superioridade. “Destrói-se a vida para preservar a vida, elimina-se a democracia para salvar a democracia, violam-se os direitos humanos para que não sejam violados. Há muita violência sacrificável”, sustentou.

Dá que os direitos humanos na zona de contacto de globalizações rivais sejam “uma resposta fraca para as perguntas fortes do nosso tempo”. Não há, para o sociólogo, nenhuma receita alternativa a tudo isto.

O que importa é saber se é possível sair “desta situação fazendo uma escavação da modernidade ocidental e aí encontrar algumas sementes de futuro”, advogou.

A conferência de ontem esteve integrada nas actividades de formação do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e também contou com a participação de Shehla Khan (Universidade de Manchester) e AbdoolKarrim Vakil (King's College, Londres).